



RISCO

DIEGO CASTRO

PROJETO FIDALGA  
PROGRAMA PONTE  
06.05.25-06.06.25

## Risco

Três linhas horizontais justapostas em vermelho, verde e azul cortam a sala em duas alturas. São elas as cores primárias da luz empregadas no sistema RGB – do inglês red, green and blue -- que estrutura todas as imagens que consumimos nas telas, dos celulares às televisões. Mas, aqui, essas linhas não formam imagens: desenham tensões ao cortarem as paredes marcando esse ambiente com um gesto preciso.

Ao final do percurso desenhado pelas linhas, uma caneta Bic– instrumento de escrita universal, econômica e cotidiana, tipicamente brasileira em seu uso popular – repousa, à vontade para um outro traço. Porém, trazida pelo artista Diego Castro, remete a um traço dado: a história da caneta com a qual Luiz Inácio Lula da Silva assinou seu primeiro termo de posse, presente de um eleitor anônimo. A transcrição do discurso de posse do presidente Lula, de 2023, acompanha o trabalho na forma de um teleprompt – acompanhe em voz alta do seu púlpito pessoal. Na publicação, a foto do momento em que Lula assina o termo de posse da terceira presidência, vestido de azul – a cor do vice. Um gesto simbólico indicando o que está por vir.

No sentido desta instalação, Risco é tanto o ato de riscar quanto o ato de se arriscar ou de arriscar algo. É marca e incerteza. É traço e possibilidade. É o gesto que traça o mundo – e, com ele, o transforma. Antes do risco, a parede branca.

A instalação convoca o público a atravessar essas linhas, literalmente. Ao fazê-lo, o corpo cruza códigos de cor e significados políticos. A linha, enquanto conceito, organiza o espaço, separa planos, define direções. Nunca neutra, esta linha é linguagem, é política.

Na tradição das artes visuais e da arquitetura, o risco pode ser esboço, projeto, tentativa. Um gesto que se inscreve sobre uma superfície, como nos lembra Georges Didi-Huberman, carrega a força heurística de quem experimenta: “emitir uma hipótese técnica para ver o que acontece” . Aqui, Diego 1 Castro propõe o risco como hipótese – mas também como memória, narrativa, jogo.

Esta é, sobretudo, uma instalação de cor, corpo e gesto. Estudos recentes em psicologia política demonstram como a cor é sugestiva<sup>2</sup>. Ela ativa estereótipos, molda percepções e influencia decisões políticas, mesmo quando não estamos plenamente conscientes disso. O vermelho pode evocar revolução ou perigo; o azul, estabilidade ou conservadorismo; o verde, renovação ou nacionalismo – dependendo do contexto. No espaço da obra, essas linhas coloridas não só delimitam o ambiente físico, mas também provocam associações subjetivas e cognitivas em quem as atravessa.

Pesquisas apontam que a cor pode ativar vieses políticos de forma automática, assim como outros objetos simbólicos – bandeiras nacionais, rostos de candidatos ou o ambiente de votação. Assim, as cores da instalação não são apenas forma: são conteúdo, linguagem e provocação.

Risco articula essa complexidade com rigor poético: um jogo entre o abstrato e o político, entre o traço e o discurso, entre o gesto e a ideologia. A linha aqui é também divisora de campos, metáfora de fronteiras, vetor de leitura e ação.

O gesto de Lula, em 2003 e em 2023, é reinscrito no espaço da instalação. Entre a abstração

do RGB e a materialidade de uma caneta comum, o trabalho convoca a pensar o limite entre representação e ação. No espaço expositivo, o público é implicado: ao deslocar-se, cada corpo interage com as linhas coloridas que atravessam discursos, inscrevendo-se na cena.

Complementando esse jogo de percepções, a instalação sonora “Quarto Poder”, 2025, evoca a dimensão auditiva da política contemporânea – marcada pela mediatização extrema, a erosão do discurso factual e o avanço das fake news.

A peça foi construída a partir de um roteiro que costura os discursos de Lula, a história da caneta, os atos golpistas de janeiro de 2023, além de falas de Jair Bolsonaro desde a pandemia, com destaque para trechos que revelam negacionismo, desinformação e manipulação midiática. Essa montagem sonora opera como uma memória coletiva fragmentada – um colapso entre verdade e ruído, entre jornalismo e propaganda.

O termo “Quarto Poder” remete à imprensa, mas aqui o título ironiza e tensiona essa autoridade. A peça questiona: qual o papel da comunicação na manutenção –ou ruptura – da democracia? Como o som, as manchetes, os memes e as falas moldam as narrativas que definem nossa história recente?

Entre o registro documental e a experimentação sensorial, a instalação constrói um palco de vozes em conflito. O público é imerso em uma paisagem sonora instável, que convida à escuta crítica. Não há neutralidade possível.

Por fim, associado a “Quarto Poder”, “Risco” é uma linha que corta, organiza e desafia. Um convite a enxergar o invisível: o gesto que constitui a imagem, o corpo que assume o traço, a política que se escreve no espaço.

*Ana Avelar*

<sup>1</sup> DIDI-HUBERMAN, Georges. L’Empreinte. Paris: Centre Georges Pompidou, 1997, p.24-25.

<sup>2</sup> MAESTRE, R. Losada & MEDERO, R. Sánchez. “Color War. Does Color Influence the Perception of Political Messages?”, Psychological Reports, 127(1), 2022, 235-255. Disponível no site: <https://doi.org/10.1177/00332941221114418>. Acesso em 15 maio 2025.

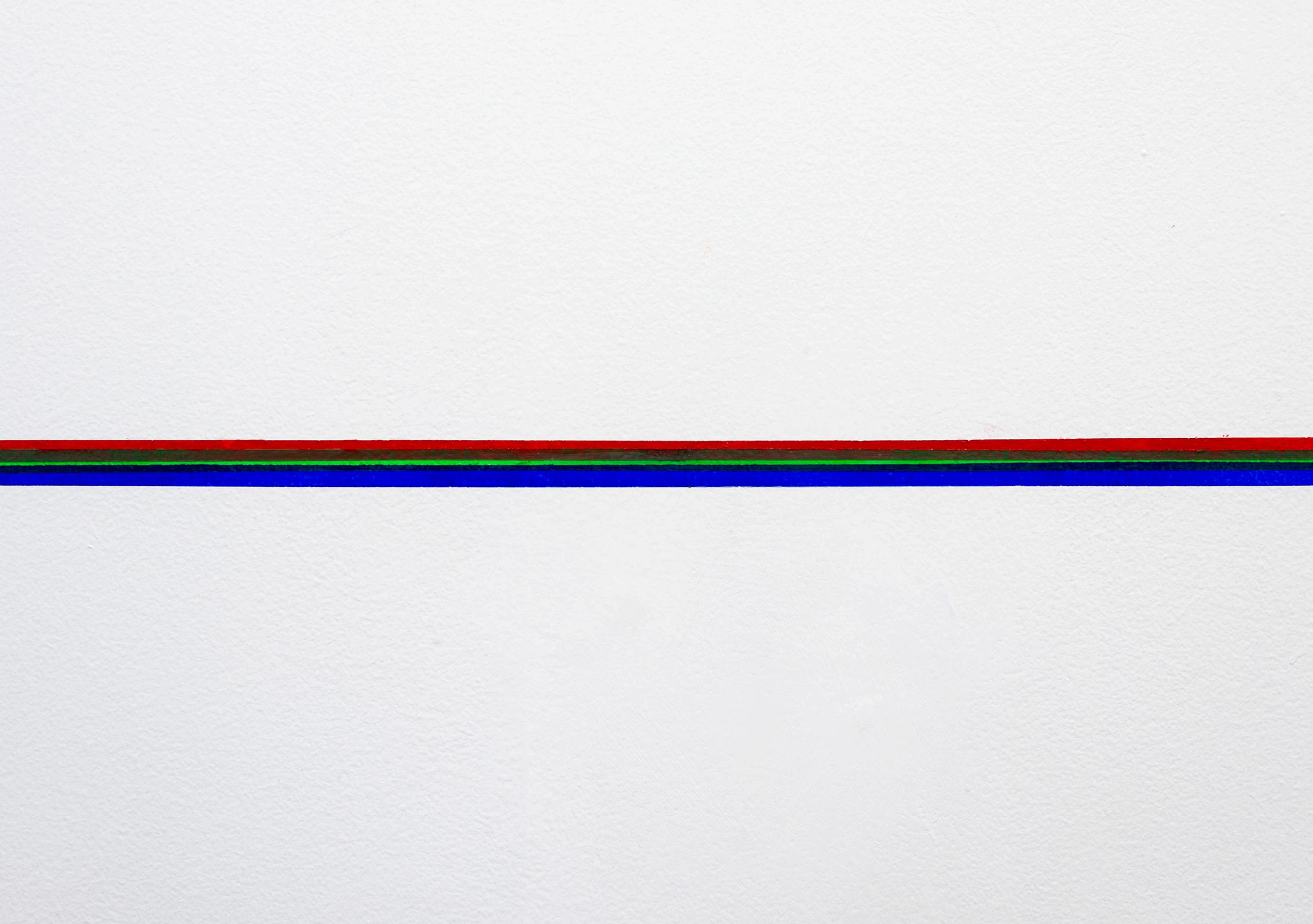


Risco, 2025, vista geral da instalação, Sala Aquário | Risco, 2025, general view, Aquarium Room



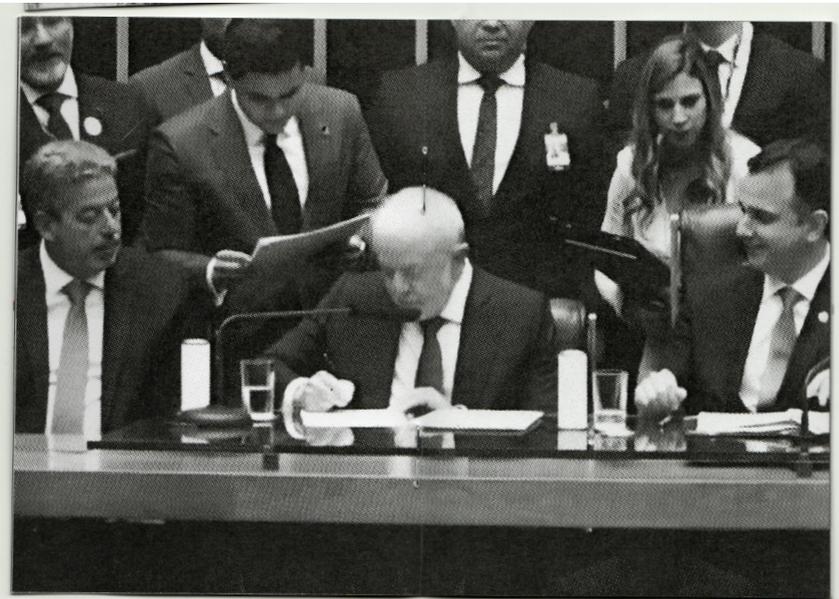
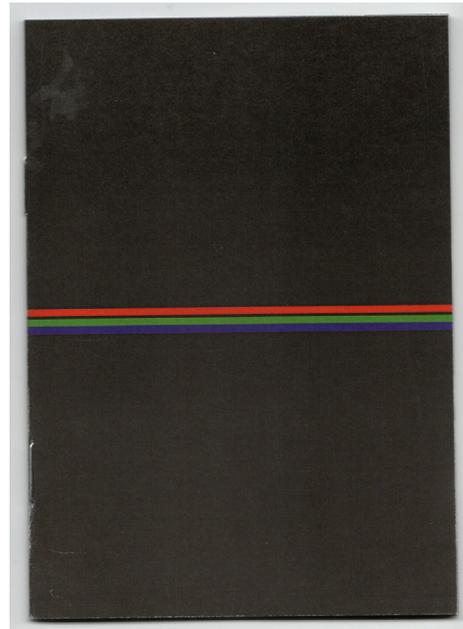
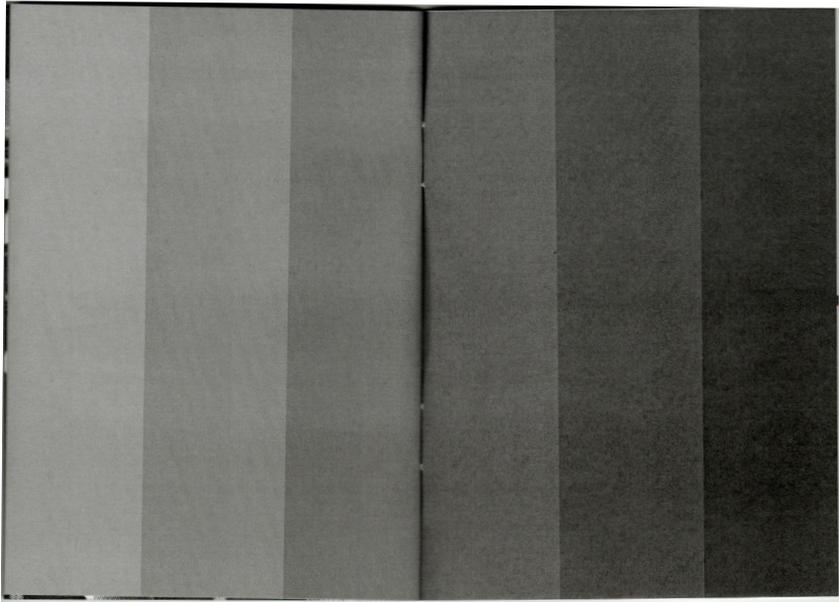


*“Presidente, se me permitir vou quebrar o protocolo hoje para conta uma pequena história, estou vendo aqui o ex-governador do Piauí, o companheiro Wellington. Eu queria conta uma história, em 1989 eu estava fazendo comício no Piauí, foi um grande comício, depois fomos caminhar até a igreja São Benedito e ao terminar o comício um cidadão me deu essa caneta e disse que essa caneta era para mim assinar a posse se ganhasse as eleições de 89.  
Eu não ganhei as eleições de 89, eu não ganhei de 94, eu não ganhei 98 em 2002 eu ganhei as eleições e quando eu cheguei aqui eu tinha esquecido a minha caneta e assinei com a caneta do senador Ramez Tebet, em 2006 assinei aqui com a caneta do senador. Agora eu encontrei a caneta e essa caneta aqui Wellington, é uma homenagem ao povo do Estado do Piauí.”*









Publicação especialmente realizada pelo artista Diego Castro durante o programa PONTE.  
Publication specially created by the artist Diego Castro, during the programa PONTE.



## DIEGO CASTRO

A concepção dos trabalhos se inicia com arquivos de imagens apropriadas, com o intuito de descaracterizar os meios onde estão inseridas. Por meio da manipulação sobre as imagens para a elaboração de trabalhos visuais, é iniciado o apagamento do que está em volta da forma que foi apropriada. Ocorre, assim, a manipulação da forma que visa explorar a espacialidade, a cor e a repetição, criando um movimento que se constitui dentro das representações de imagens de conflito e manifestações sociais.

Diego Castro vive e trabalha entre Guarulhos e São Paulo. Iniciou seu aprendizado em artes ao integrar um atelier livre de desenho e pintura. Em 2002, durante o Bacharelado em Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina, aprofundou questões que circundam a sua produção. Em 2012, concluiu o mestrado em poéticas visuais na Escola de Comunicação e Arte da USP e Pós-graduação Lato Sensu em Imagem: Processos, Gestão e Cultura Contemporânea na Madalena Centro de Estudos da Imagem / UNIMES(2017).

Principais exposições individuais: 24° Bienal Internacional de Arte de Cerveira, És Livre?. Topologia das imagens 2023, Now Here com curadoria Cristiana Tejo. Enfoque, 2019 no Centro Universitário Maria Antônia com curadoria de Thais Rivitti; Geografia da imagem, 2018 na Casa Latino América com curadoria de Ana Avelar; Exposição coletiva: Livros de artista da Biblioteca do MAM, 2019, Museu de Arte Moderna de São Paulo com curadoria de Felipe Chaimovich; Brasília Extemporânea, 2019 na Casa Niemeyer com curadoria Ana Avelar.

The conception of the works begins with appropriated image files, with the aim of decontextualizing the media in which they are inserted. Through the manipulation of these images to create visual works, a process of erasing the surroundings of the appropriated form is initiated. This manipulation of form seeks to explore spatiality, color, and repetition, creating a movement that unfolds within representations of images of conflict and social manifestations.

Diego Castro lives and works between Guarulhos and São Paulo. He began his artistic training by joining a free studio for drawing and painting. In 2002, during his Bachelor's degree in Visual Arts at Faculdade Santa Marcelina, he deepened the questions surrounding his artistic practice. In 2012, he completed a Master's degree in Visual Poetics at the School of Communications and Arts at the University of São Paulo (USP), and in 2017, a Lato Sensu postgraduate degree in Image: Processes, Management, and Contemporary Culture at Madalena Centro de Estudos da Imagem / UNIMES.

Main solo exhibitions: 24th International Art Biennial of Cerveira, És Livre?; Topologia das imagens, 2023, Now Here, curated by Cristiana Tejo; Enfoque, 2019, at Centro Universitário Maria Antônia, curated by Thais Rivitti; Geografia da imagem, 2018, at Casa Latino América, curated by Ana Avelar.

Group exhibitions: Artist Books from the MAM Library, 2019, at the Museum of Modern Art of São Paulo, curated by Felipe Chaimovich; Brasília Extemporânea, 2019, at Casa Niemeyer, curated by Ana Avelar.

ATELIÊ FIDALGA:

Organizadores [Organizers]:

*Albano Afonso e Sandra Cinto*

Equipe Ateliê Fidalga [Ateliê Fidalga Team]:

*Felipe Souto Ferreira, Igor Moraes da Silva, Márcia dos Santos Jesus, Neusa D. S. Ribeiro, Wilian de Souza*

O Projeto Fidalga é um espaço sem fins lucrativos para exposições, site specifics e apresentação de produções experimentais e em processo, realizados durante a Residência Paulo Reis.

Projeto Fidalga is a non profit space for temporary exhibitions, site specifics and presentation of experimental productions in process, made during the Paulo Reis Residency.